

INTRODUÇÃO À LITERATURA



1- O que é literatura?

A literatura está relacionada ao campo da arte, faz parte dela, de modo que pode ser chamada de manifestação artística. A arte, então, é uma forma de expressão do pensamento humano que pode ocorrer nas mais variadas formas e através das mais variadas atividades. Por isso, talvez, seja tão difícil definir em termos exatos o que é e se torna arte ou não.

1.1- Arte e Sociedade

Textos, poemas, contos, romances, crônicas, desenhos, pinturas, esculturas, instalações, danças, performances teatrais, filmes e mais toda uma série de ações humanas que acabam ganhando o status de arte e temos dificuldade em dizer por quê.

Para o filósofo grego Aristóteles, esta função era a da **catarse**: a purificação das almas através de uma descarga emocional provocada por um drama, pois a obra artística invade o nosso mundo e é capaz de mudar nossa opinião sobre algo, aprofundar nossos argumentos sobre algo. Ela desperta alguma emoção, leva-nos às lágrimas, causa-nos raiva, faz-nos pensar.

Outro conceito pertinente a literatura é que “Arte literária é **mimese** (imitação); é a arte que imita pela palavra.”– Aristóteles. Isso quer dizer que a arte está aí enquanto imitação da realidade, mesmo quando estamos falando de ficção.

Então, a literatura pode ser engajada, pode fazer uso do humor, da paródia, pode fazer uso do sentimento a partir de sua subjetividade, mas, no geral, sabemos que a literatura parte de um contexto no qual o autor está inserido.

Além disso, os textos literários também podem apresentar o conceito de **Verossimilhança** é a coerência interna que dá credibilidade a uma narrativa. A verossimilhança de um texto ficcional baseia-se num certo pacto do leitor com o narrador:

todos sabem que se trata de uma história inventada e não de algo acontecido de fato.

Um texto histórico, uma biografia ou um livro de memórias mantém uma relação mais simples com a realidade: como o narrador é a própria pessoa do autor, não existe propriamente verossimilhança.

Nas obras de ficção, mesmo no caso das narrativas mais fantásticas, o pacto de verossimilhança não se desfaz.

Então, temos aqui a **arte da palavra**, porém não apenas a palavra signo linguístico verbal, mas também a não verbal.

2- A Linguagem da Literatura

Todo texto pode ser considerado um tipo de literatura, mas a arte literária tem uma linguagem própria.

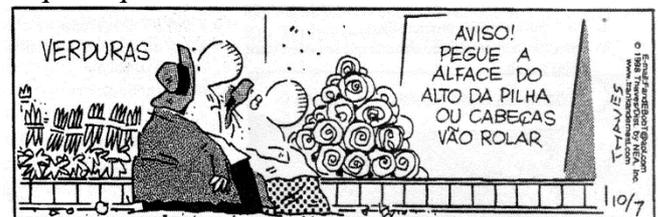
“Chega mais perto e contempla as palavras. Cada tem mil faces secretas sob a face neutra.”

(Carlos Drummond de Andrade).

Linguagem Conotativa: há múltiplas interpretações, ou seja, cada pessoa irá interpretar uma passagem literária de uma maneira específica, só sua, de acordo com as suas características, com a sua bagagem cultural.

Difere da **linguagem denotativa**, que abrange os textos informativos, como são, por exemplo, uma receita de bolo, o manual de instalação da sua televisão ou um informe publicitário. São textos impessoais que têm somente uma interpretação e servem para transmitir informações.

A linguagem conotativa é pessoal, única e exclusiva em que está inserida os sentimentos daquele que está falando conosco.



Thaves. Frank e Ernest

3- Texto em verso e prosa

A obra literária pode apresentar-se sob a forma de **PROSA** (em frases, orações, períodos e parágrafos) ou de **VERSOS** (em estrofes, versos, emprego da rima, do ritmo etc.).

OS GÊNEROS LITERÁRIOS

Quando falamos de gêneros literários, estamos falando dos tipos de literatura produzidos. Sabemos que nem todos os textos literários são iguais uns aos outros, alguns se diferenciando completamente do outro. Uma poesia é muito diferente de uma peça de teatro, que é diferente de um romance.

Podemos dividir os gêneros literários em:



NARRATIVO

Mostra o mundo externo, alguém narra ou conta uma história para nós. Pode ser em primeira ou terceira pessoa. O narrador pode ser onisciente e onipresente, ou seja, ele sabe o que está acontecendo e está nos contando essa história. Essa narração ainda pode ser realista, apresentando uma informação que realmente aconteceu ou está acontecendo e dar o parecer, a visão do autor, ou ela ainda pode ser uma ficção. Independente de como é a história, a característica principal é que seja narrada.

Tipos do gênero narrativo:

- ✓ Romance: É um texto mais longo, com um número elevado de personagens, enredo e cenário extensos, e de duração de tempo variado.
- ✓ Conto e Novela: São dois tipos de narrativas menores em comparação com o romance. Tem menos personagens, o espaço-tempo é mais curto e o tempo é variável.
- ✓ Fábula: Um tipo de narrativa muito interessante em que, normalmente, os personagens são animais, pois ela tem como cunho uma lição de moral. As fábulas geralmente têm como público as crianças. São como histórias de ninar que passam alguma informação.
- ✓ Crônica: Há muita discussão sobre o gênero da crônica, sobre onde enquadrá-la. Por não ser lírica, nem dramática, com alguma boa vontade, é

possível colocá-la junto dos demais textos narrativos, mas mais como uma prima distante. A crônica é um texto curto, normalmente pessoal, uma visão do cotidiano, muitas vezes é até banal, pode ser de tom político ou de tom de humor, pode ter um caráter reflexivo ou não.

LÍRICO

Está diretamente ligado à poesia, um tipo de texto de leitura mais complexa, pois mexe muito com a subjetividade, isso quer dizer que o autor tenta externar o seu sentimento, o seu pensamento em relação ao contexto que está vivendo. É exatamente aí que a linguagem conotativa da qual falamos entra em jogo, nós, os leitores de um poema, temos dificuldades para entender porque precisamos nos aproximar deste sentimento do autor. Por isso que poesia é difícil. Além disso, o fazer poético ainda pode ser bastante regrado, isto é, operar segundo regras: rimas, estrofação, entre outras características formais para adequar este sentimento/pensamento dentro de uma determinada forma, que pode ser a de um soneto, pode ser em versos alexandrinos, redondilha maior ou menor.

Outra característica do gênero lírico que deve ser destacada é a da subjetividade, que leva à existência de um carinho chamado eu-lírico, que vai ser a voz que fala no poema e não precisa ser, necessariamente, a mesma do autor.

DRAMÁTICO

Origina-se no drama, na ação, portanto a principal produção do gênero gramático é o teatro e terá como cerne a encenação.

Tipos do gênero dramático:

- ✓ Comédia: Faz uso do humor. Expõe o ridículo da pequenez do homem.
- ✓ Tragédia: Costuma ter finais surpreendentes, chocantes, cujo objetivo é causar impacto.
- ✓ Autos: Pequenos teatros religiosos de cunho pedagógico, didático, que visavam à conversão religiosa.

ÉPICO

É a narrativa em versos que apresenta um episódio heroico da história de um povo. Neste gênero, geralmente, há presença de figuras fantasiosas que ajudam ou atrapalham no curso dos acontecimentos. Quando as ações são narradas por versos, temos o poema épico ou epopeia. Dentre as principais epopeias, temos: Ilíada e Odisseia.

QUESTÕES

01- (ENEM/2009) Gênero dramático é aquele em que o artista usa como intermediária entre si e o público a representação. A palavra vem do grego drao (fazer) e quer dizer ação. A peça teatral é, pois, uma composição literária destinada à apresentação por atores em um palco, atuando e dialogando entre si. O texto dramático é complementado pela atuação dos atores no espetáculo teatral e possui uma estrutura específica, caracterizada: 1) pela presença de personagens que devem estar ligados com lógica uns aos outros e à ação; 2) pela ação dramática (trama, enredo), que é o conjunto de atos dramáticos, maneiras de ser e de agir das personagens encadeadas à unidade do efeito e segundo uma ordem composta de exposição, conflito, complicação, clímax e desfecho; 3) pela situação ou ambiente, que é o conjunto de circunstâncias físicas, sociais, espirituais em que se situa a ação; 4) pelo tema, ou seja, a ideia que o autor (dramaturgo) deseja expor, ou sua interpretação real por meio da representação.

COUTINHO, A. Notas de teoria literária. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973 (adaptado).

Considerando o texto e analisando os elementos que constituem um espetáculo teatral, conclui-se que

- a criação do espetáculo teatral apresenta-se como um fenômeno de ordem individual, pois não é possível sua concepção de forma coletiva.
- o cenário onde se desenrola a ação cênica é concebido e construído pelo cenógrafo de modo autônomo e independente do tema da peça e do trabalho interpretativo dos atores.
- o texto cênico pode originar-se dos mais variados gêneros textuais, como contos, lendas, romances, poesias, crônicas, notícias, imagens e fragmentos textuais, entre outros.
- o corpo do ator na cena tem pouca importância na comunicação teatral, visto que o mais importante é a expressão verbal, base da comunicação cênica em toda a trajetória do teatro até os dias atuais.
- a iluminação e o som de um espetáculo cênico independem do processo de produção/recepção do espetáculo teatral, já que se trata de linguagens artísticas diferentes, agregadas posteriormente à cena teatral.

02- (ENEM/2011) No capricho O Adãozinho, meu cumpade, enquanto esperava pelo delegado, olhava para um quadro, a pintura de uma senhora. Ao

entrar a autoridade e percebendo que o cabôco admirava tal figura, perguntou: "Que tal? Gosta desse quadro?"

E o Adãozinho, com toda a sinceridade que Deus dá ao cabôco da roça: "Mas pelo amor de Deus, hein, dotô! Que muié feia! Parece fiote de cruiz-credo, parente do deus-me-livre, mais horríver que briga de cego no escuro."

Ao que o delegado não teve como deixar de confessar, um pouco secamente: "É a minha mãe." E o cabôco, em cima da bucha, não perde a linha: "Mais dotô, inté que é uma feiura caprichada."

BOLDRIN, R. Almanaque Brasil de Cultura Popular.

Por suas características formais, por sua função e uso, o texto pertence ao gênero

- anedota, pelo enredo e humor característicos.
- crônica, pela abordagem literária de fatos do cotidiano.
- depoimento, pela apresentação de experiências pessoais.
- relato, pela descrição minuciosa de fatos verídicos.
- reportagem, pelo registro impessoal de situações reais

03- (ENEM/2009)

Linhas tortas

Há uma literatura antipática e insincera que só usa expressões corretas, só se ocupa de coisas agradáveis, não se molha em dias de inverno e por isso ignora que há pessoas que não podem comprar capas de borracha. Quando a chuva aparece, essa literatura fica em casa, bem aquecida, com as portas fechadas. [...] Acha que tudo está direito, que o Brasil é um mundo e que somos felizes. [...] Ora, não é verdade que tudo vá tão bem [...]. Nos algodoais e nos canaviais do Nordeste, nas plantações de cacau e de café, nas cidadezinhas decadentes do interior, nas fábricas, nas casas de cômodos, nos prostíbulos, há milhões de criaturas que andam aperreadas.

[...]

Os escritores atuais foram estudar o subúrbio, a fábrica, o engenho, a prisão da roça, o colégio do professor mambembe.

Para isso resignaram-se a abandonar o asfalto e o café, [...] tiveram a coragem de falar errado como toda gente, sem dicionário, sem gramáticas, sem manual de retórica. Ouviram

gritos, palavrões e meteram tudo nos livros que escreveram.

RAMOS, Graciliano. Linhas tortas. 8.^a ed. São Paulo: Record, 1980, p. 92/3.

O ponto de vista defendido por Graciliano Ramos

- critica posturas de escritores que usam tudo em seus livros: palavrões, palavras erradas e gritos.
- denuncia as mentiras que os escritores atuais construíram ao fazer um ufanismo vazio das culturas nacionais e estrangeiras.
- valoriza uma literatura que resgate os aspectos psicológico, simbólico e imaginário dos personagens nacionais.
- reconhece o perigo de se construir uma literatura engajada que busque na realidade social sua inspiração e seu estímulo.
- reconhece a importância de uma literatura que resgate nossa realidade social, que reforce a memória e a identidade nacionais.

04) (ENEM/2009) Desencaixotando Machado: a crônica está no detalhe, no mínimo, no escondido, naquilo que aos olhos comuns pode não significar nada, mas, uma palavra daqui, “uma reminiscência clássica” dali, e coloca-se de pé uma obra delicada de observação absolutamente pessoal. O borogodó está no que o cronista escolhe como tema. Nada de engomar o verbo. É um rabo de arraia na pompa literária. Um “falar à fresca”, como o bruxo do Cosme Velho pedia. Muitas vezes uma crônica brilha, gloriosa, mesmo que o autor esteja declarando, como é comum, a falta de qualquer assunto. Não vale o que está escrito, mas como está escrito.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos (org.). As cem melhores crônicas brasileiras. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005, p.17.

Em As Cem Melhores Crônicas Brasileiras, Joaquim Ferreira dos Santos argumenta contra a ideia de que a crônica é um gênero menor. De acordo com o fragmento apresentado acima, a crônica

- é um gênero literário importante, mas inferior ao romance e ao drama.
- apresenta características semelhantes a construções literárias de vanguarda.
- impõe-se como Literatura, apresentando características estéticas específicas.
- tem sua organização influenciada pelo tempo e pela sociedade em que está inserida.

e) é o texto preferido pelo homem do povo, que aprecia leituras simples e temas corriqueiros

O QUINHENTISMO NO BRASIL



No primeiro século de nossa história após a chegada dos portugueses não se pode falar na existência de uma literatura brasileira legítima, mas sim de uma produção escrita dos viajantes e dos primeiros moradores.

Ocorreram, portanto, apenas manifestações isoladas que se prendem à descrição da terra e do índio ou a textos escritos pelos jesuítas que aqui estiveram. Foi o Quinhentismo, o primeiro ciclo literário no Brasil.

É importante se destacar que apesar da literatura brasileira ter se originado no período colonial, é difícil se fixar com precisão em qual o momento esta se configurou com uma produção cultural independente dos vínculos lusitanos.

Tal fato se deve principalmente porque durante o período colonial ainda não existiam condições propícias para o desenvolvimento de uma literatura, como por exemplo: ainda não existia a existência de um público leitor ativo e influente, grupos de escritores atuantes, vida cultural intensa e rica, sentimento de nacionalidade, liberdade de expressão, imprensa e gráficas.

Por esses motivos, muitos estudiosos da literatura preferem denominar a literatura que era produzida aqui no Brasil até os séculos XVII de “manifestações literárias” ou “ecos da literatura no Brasil”.

1- Contexto Histórico

O Renascimento

No mundo das artes e da Filosofia estava em cena ao final da Idade Média o Renascimento Cultural, que trouxe novas técnicas e a perspectiva para as artes plásticas, e uma postura de instigação para a filosofia. Todo este contexto faz parte da

compreensão para entender a Literatura Quinhentista.

A visão de mundo estava em choque, pois a terra estava deixando de ser plana para se tornar redonda com o lento final da teoria do heliocentrismo (sol como centro do universo).

Os avanços dos instrumentos de observação (lunetas), das cartas náuticas (mapas de navegação marítima), e a proposta do modelo astronômico de Nicolau Copérnico (1473-1543) colocando o Sol como o centro do universo, questionando a teoria adotada pela Igreja Católica, no modelo de Ptolomeu, onde a Terra era o centro.

Esses avanços contribuíram para o ciclo das Grandes Navegações e as Descobertas que se tornaram as marcas de uma época: a Descoberta da América pelo genovez Cristóvão Colombo, em 1492; o caminho pelo mar desde a Península Ibérica até o Oceano Índico, realizado em 1498 pelo português Vasco da Gama; e, depois, a chegada de Pedro Álvares Cabral ao Brasil em 1500.

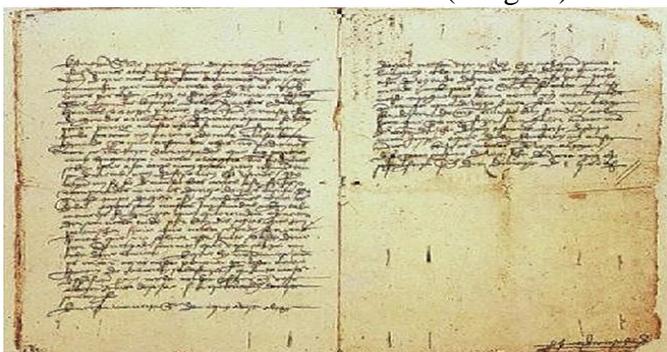
2- As literaturas de catequese e de informação

2.1- Literatura de Informação Quinhentista

São textos produzidos por viajantes e cronistas das expedições e tinham como objetivo descrever a terra e o selvagem, privilegiando aspectos geográficos e etnográficos. A literatura desta época não possui valor literário, mas, sim, um valor histórico. Veja os principais autores e obras:

Autores e Obras do Quinhentismo:

- **Pero Vaz de Caminha:**
- – Carta do Descobrimento (imagem)



As cartas de viagem, tratados descritivos e diários de navegação, tinha por objetivo narrar e descrever os primeiros contatos com as terras brasileiras e seus nativos, informando a respeito de tudo que pudesse interessar ao governo português. É o que faz, por exemplo, Pero Vaz de Caminha,

que em 1500 registrou o primeiro contato dos portugueses com os índios.

Leia abaixo a carta de Pero Vaz de Caminha:

Senhor:

Posto que o Capitão-mor desta vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que ora nesta navegação se achou, não deixarei também de dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que -- para o bem contar e falar -- o saiba pior que todos fazer.

Tome Vossa Alteza, porém, minha ignorância por boa vontade, e creia bem por certo que, para aformosear nem afeiar, não porei aqui mais do que aquilo que vi e me pareceu.

Da marinhagem e singraduras do caminho não darei aqui conta a Vossa Alteza, porque o não saberei fazer, e os pilotos devem ter esse cuidado. Portanto, Senhor, do que hei de falar começo e digo:

A partida de Belém, como Vossa Alteza sabe, foi segunda-feira, 9 de março. Sábado, 14 do dito mês, entre as oito e nove horas, nos achamos entre as Canárias, mais perto da Grã- Canária, e ali andamos todo aquele dia em calma, à vista delas, obra de três a quatro léguas. E domingo, 22 do dito mês, às dez horas, pouco mais ou menos, houvermos vista das ilhas de Cabo Verde, ou melhor, da ilha de S. Nicolau, segundo o dito de Pero Escolar, piloto.

[...]

E assim seguimos nosso caminho, por este mar, de longo, até que, terça-feira das Oitavas de Páscoa, que foram 21 dias de abril, estando da dita Ilha obra de 660 ou 670 léguas, segundo os pilotos diziam, topamos alguns sinais de terra, os quais eram muita quantidade de ervas compridas, a que os mareantes chamam botelho, assim como outras a que dão o nome de rabo-de-asno. E quarta-feira seguinte, pela manhã, topamos aves a que chamam fura-buxos.

Neste dia, a horas de véspera, houvermos vista de terra! Primeiramente dum grande monte, mui alto e redondo; e doutras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos: ao monte alto o capitão pôs nome - o Monte Pascoal e à terra - a Terra da Vera Cruz.

[...]

A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem

fazem mais caso de encobrir ou deixa de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência. Ambos traziam o beijo de baixo furado e metido nele um osso verdadeiro, de comprimento de uma mão travessa, e da grossura de um fuso de algodão, agudo na ponta como um furador. Metem-nos pela parte de dentro do beijo; e a parte que lhes fica entre o beijo e os dentes é feita a modo de roque de xadrez. E trazem-no ali encaixado de sorte que não os magoa, nem lhes põe estorvo no falar, nem no comer e beber.

Os cabelos deles são corredios. E andavam tosquiados, de tosquia alta antes do que sobrepenete, de boa grandeza, rapados todavia por cima das orelhas. E um deles trazia por baixo da solapa, de fonte a fonte, na parte detrás, uma espécie de cabeleira, de penas de ave amarela, que seria do comprimento de um coto, mui basta e mui cerrada, que lhe cobria o toutiço e as orelhas. E andava pegada aos cabelos, pena por pena, com uma confeição branda como, de maneira tal que a cabeleira era mui redonda e mui basta, e mui igual, e não fazia míngua mais lavagem para a levantar.

(Carta de Pero Vaz de Caminha de 1500)

Embora esses escritos não tenham muito valor literário hoje, sua importância está principalmente no significado que guardam como documentação histórica, esta representa tanto o testemunho do espírito aventureiro da expansão marítima e comercial dos séculos XV e XVI, quanto o registro do choque cultural entre colonizadores e colonizados.

É importante destacar que não há por parte dos escritores que produziram a literatura de informação nenhum sentimento de apego à terra conquistada, que é vista como uma espécie de extensão da metrópole. Apesar disso, a literatura quinhentista nos deixou como herança um conjunto inesgotável de sugestões temáticas, como os índios, as belezas naturais da terra e nossas origens históricas, que foram mais tarde desenvolvidas por nossos escritores.

2.2-Literatura de Formação

Em 1549, chegaram ao Brasil os padres da Companhia de Jesus (jesuítas), incumbidos de catequizar os índios e de inserir em sua realidade a cultura europeia. Para isso, produziam textos que, vinculados à Contrarreforma, catequizavam e

doutrinavam o índio e instruam os filhos dos colonizadores que aqui moravam.

Os textos produzidos pelos padres Jesuítas eram literariamente mais elaborados. Os formatos utilizados, incluindo-se sermões, eram cartas, poesias e a dramaturgia, escrevendo peças de teatro, sendo este o instrumento mais utilizado pelos padres no contato com os indígenas



Padre José de

Anchieta (considerado o pai do teatro brasileiro) (1534 – 1537) merece destaque entre os religiosos que aqui estiveram. Anchieta escreveu vários tipos de textos com finalidades pedagógicas, como

poemas, hinos, canções e altos (gênero teatral originado na Idade média), além de diversas cartas que informavam sobre o processo de catequese no Brasil e de uma gramática da língua tupi.

Obras:

As principais obras do jesuíta estão divididas entre poemas, peças de teatro, sermões e, claro, na elaboração de uma gramática que facilitasse o ensino e o aprendizado da religião pelos indígenas. Seus poemas, carregados de subjetividade, mostram um Anchieta empenhado no louvor à religião católica, na busca pelo consolo das adversidades da vida que é encontrado apenas por meio da entrega e do amor divino e, claro, na vida dos santos.

Suas peças de teatro (autos), de cunho pedagógico, são voltadas para a catequização dos indígenas, escritos ora em português, ora em tupi, transformando o imaginário e os costumes daquelas sociedades “pagãs” em entidades “do Mal”, contrárias às imagens do cristianismo, que representam “o Bem”, criando dois polos de oposição entre os dois mundos.

Suas principais publicações são O De Gestis Mendi de Saa, impresso em 1563, poema épico em homenagem ao governador Mem de Sá que chefiou os primeiros levantes contra os franceses que invadiram as colônias portuguesas. É considerado o primeiro poema épico da América e anterior ao “Os Lusíadas” de Luís de Camões. No entanto, críticos e antropólogos contemporâneos chamam a atenção para o aspecto da violência

contida no poema que, segundo a visão dos jesuítas, legitimaria a conquista, a subordinação e o extermínio dos indígenas em face de um objetivo “maior”, a evangelização, assemelhando-se às cruzadas medievais. Além disso, o imaginário pagão dos indígenas é considerado diabólico e seus rituais, principalmente o antropofágico, são vistos como algo bestial e animalesco, desprovido de significação cultural. Logo, o texto mostra, acima de tudo, que a vinda dos jesuítas, embora com objetivos diferentes dos conquistadores de terras, também se deu de maneira violenta, de um povo sobre outro e que a instalação dos redutos missionários não foi tão pacífica como se supunha, expondo as chagas da história brasileira; e A arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil, impresso em 1595, constitui-se no primeiro registro dos fundamentos da língua tupi.



Tela de Benedito Calixto de Jesus (1853-1927) em que retrata Anchieta escrevendo seus poemas na areia

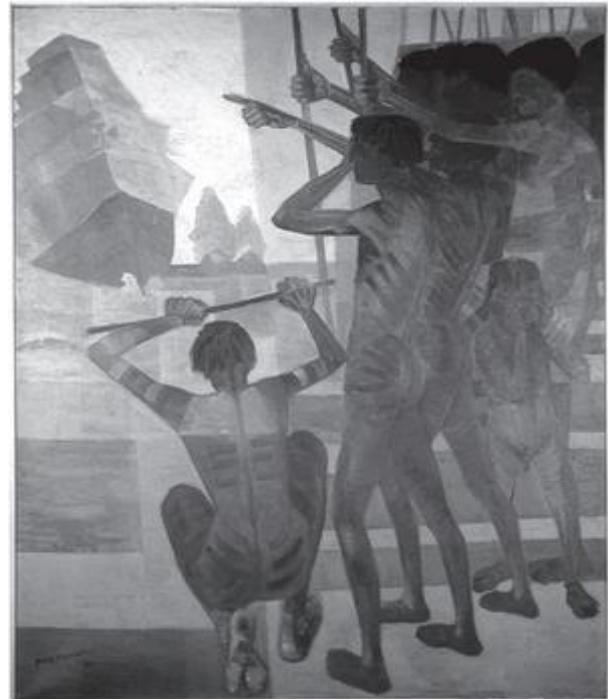
QUESTÃO

TEXTO I

Andaram na praia, quando saímos, oito ou dez deles; e daí a pouco começaram a vir mais. E parece-me que viriam, este dia, à praia, quatrocentos ou quatrocentos e cinquenta. Alguns deles traziam arcos e flechas, que todos trocaram por carapuças ou por qualquer coisa que lhes davam. [...] Andavam todos tão bem-dispostos, tão bem feitos e galantes com suas tinturas que muito agradavam.

CASTRO, S. A carta de Pero Vaz de Caminha. Porto Alegre: L&PM, 1996 (fragmento).

TEXTO II



PORTINARI, C. O descobrimento do Brasil. 1956. Óleo sobre tela, 199 x 169 cm Disponível em: www.portinari.org.br. Acesso em: 12 jun. 2013. (Foto: Reprodução)

Pertencentes ao patrimônio cultural brasileiro, a carta de Pero Vaz de Caminha e a obra de Portinari retratam a chegada dos portugueses ao Brasil. Da leitura dos textos, constata-se que

- A) a carta de Pero Vaz de Caminha representa uma das primeiras manifestações artísticas dos portugueses em terras brasileiras e preocupa-se apenas com a estética literária.
- B) a tela de Portinari retrata indígenas nus com corpos pintados, cuja grande significação é a afirmação da arte acadêmica brasileira e a contestação de uma linguagem moderna.
- C) a carta, como testemunho histórico-político, mostra o olhar do colonizador sobre a gente da terra, e a pintura destaca, em primeiro plano, a inquietação dos nativos.
- D) as duas produções, embora usem linguagens diferentes – verbal e não verbal –, cumprem a mesma função social e artística.
- E) a pintura e a carta de Caminha são manifestações de grupos étnicos diferentes, produzidas em um mesmo momento histórico, retratando a colonização.

2)

Texto 1

José de Anchieta fazia parte da Companhia de Jesus, veio ao Brasil aos 19 anos para catequizar a população das primeiras cidades brasileiras e,

como instrumento de trabalho, escreveu manuais, poemas e peças teatrais.

Texto 2

Todo o Brasil é um jardim em frescura e bosque e não se vê em todo ano árvore nem erva seca. Os arvoredos se vão às nuvens de admirável altura e grossura e variedade de espécies. Muitos dão bons frutos e o que lhes dá graça é que há neles muitos passarinhos de grande formosura e variedades e em seu canto não dão vantagem aos rouxinóis, pintassilgos, colorinos e canários de Portugal e fazem uma harmonia quando um homem vai por este caminho, que é para louvar o Senhor, e os bosques são tão frescos que os lindos e artificiais de Portugal ficam muito abaixo.

ANCHIETA, José de. Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta. Rio de Janeiro: S.J., 1933, 430–31

A leitura dos textos revela a preocupação de Anchieta com a exaltação da religiosidade. No texto 2, o autor exalta, ainda, a beleza natural do Brasil por meio

- do emprego de primeira pessoa para narrar a história de pássaros e bosques brasileiros, comparando-os aos de Portugal.
- da adoção de procedimentos típicos do discurso argumentativo para defender a beleza dos pássaros e bosques de Portugal.
- da descrição de elementos que valorizam o aspecto natural dos bosques brasileiros, a diversidade e a beleza dos pássaros do Brasil.
- do uso de indicações cênicas do gênero dramático para colocar em evidência a frescura dos bosques brasileiros e a beleza dos rouxinóis.
- do uso tanto de características da narração quanto do discurso argumentativo para convencer o leitor da superioridade de Portugal em relação ao Brasil.

BARROCO



Imagem: Típica arquitetura barroca, foto tirada na igreja do mosteiro católico em Schlierbach

1- A arte da indisciplina: exagero de relevos



Domenico Piola

O período conhecido como Barroco, ou Seiscentismo, é constituído pelas primeiras manifestações literárias genuinamente brasileiras ocorridas no Brasil Colônia, embora diretamente influenciadas pelo barroco europeu, isto é, vindo das Metrópoles. O termo denomina genericamente todas as manifestações artísticas dos anos 1600 e início dos anos 1700. Além da literatura, estende-se à música, pintura, escultura e arquitetura da época. "Vaidade" (sem data), de

O período Barroco na literatura se caracterizou por ser a junção de duas vertentes literárias: o Renascimento e a Idade Média. Ou seja, a produção literária barroca deixou de lado, em partes, o Classicismo renascentista e focou-se para o espiritualismo medieval.

No século XVII, o ser humano vive em conflito, atormentado por dúvidas existenciais, dividido entre uma postura racional e humanista e uma existência assombrada pela culpa religiosa.

1- Contexto Histórico

- Reforma protestante:
- Concílio de Trento
- Companhia de Jesus

- Inquisição e Index

No Brasil, Colônia de Portugal:

- Salvador (capital e sede da administração)
- Produções artísticas - moldes de Portugal (ideal da Igreja)
- Não existia imprensa
- *Marco Inicial: (1601)* poema épico
“Prosopopeia” – Bento Teixeira (Jorge de Albuquerque Coelho - donatário da capitania de Pernambuco)

2- Temas frequentes na Literatura Barroca

- fugacidade da vida e instabilidade das coisas;
- morte, expressão máxima da efemeridade das coisas;
- concepção do tempo como agente da morte e da dissolução das coisas;
- castigo, como decorrência do pecado;
- arrependimento;
- narração de cenas trágicas;
- erotismo;
- misticismo;
- apelo à religião.

3- Características da linguagem barroca

Todo o rebuscamento presente na arte e literatura barroca é reflexo dos conflitos dualistas entre o terreno e o celestial, o homem (antropocentrismo) e Deus (teocentrismo), o pecado e o perdão, a religiosidade medieval e o paganismo presente no período renascentista, logo teremos como características:

- Grande interesse por temas religiosos;
 - Conflito entre corpo e alma;
 - Emprego constante de figuras de linguagem (metáfora, antítese, paradoxo, prosopopeia, hipérbole)
 - Linguagem dramática;
 - Racionalismo;
 - Exagero e rebuscamento;
 - Efemeridade do tempo: vida terrena é efêmera, passageira, tem ao mesmo tempo a necessidade de aproveitá-la, antes que ela acabe o que gera um sentimento contraditório, já que desfrutá-la significa pecar, e, se há pecado não existe salvação.
 - Cultismo e conceptismo
- O cultismo caracteriza-se pelo uso de linguagem rebuscada, culta, extravagante, repleta

de jogos de palavras e do emprego abusivo de figuras de estilo, como a metáfora e a hipérbole.

Veja um exemplo de poesia cultista:

Ao braço do Menino Jesus de Nossa Senhora das Maravilhas, A quem infiéis despedaçaram

O todo sem a parte não é todo;
 A parte sem o todo não é parte;
 Mas se a parte o faz todo, sendo parte,
 Não se diga que é parte, sendo o todo. (Gregório de Matos)

Já o **conceptismo**, que ocorre principalmente na prosa, é marcado pelo jogo de ideias, de conceitos, seguindo um raciocínio lógico, nacionalista, que utiliza uma retórica aprimorada. A organização da frase obedece a uma ordem rigorosa, com o intuito de convencer e ensinar. Veja um exemplo de prosa conceptista:

Para um homem se ver a si mesmo são necessárias três coisas: olhos, espelho e luz. Se tem espelho e é cego, não se pode ver por falta de olhos; se tem espelhos e olhos, e é de noite, não se pode ver por falta de luz. Logo, há mister¹ luz, há mister espelho e há mister olhos. (Pe. Antônio Vieira)

¹mister: necessidade de, precisão.

Representantes e Obras :

- **Gregório de Matos:** (maior poeta satírico: “boca do inferno”)

Obras: *Poesia lírica, satírica, filosófica e religiosa*

- **Padre Antônio Vieira** (sermões)

Obras: *Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda (Bahia – 1640)*

Sermão da primeira domingo da Quaresma (Maranhão – 1653)



5- Gregório de Matos Guerra (1633-1696)

o Boca do Inferno- Baiano, Gregório de Matos é o primeiro poeta brasileiro. Logo depois de seus estudos no colégio dos Jesuítas, vai para Portugal, em Coimbra, graduar-se em direito. Depois de formado, vive alguns anos em Lisboa, onde se casa e atua como advogado. Mais tarde, com a crise de seu casamento e certa perseguição por suas sátiras, retorna à Bahia.

5.1- A lírica

Gregório de Matos cultivou três vertentes da poesia lírica: a religiosa, a amorosa e a filosófica, adequando-se aos temas e aos procedimentos de linguagem utilizados no Barroco europeu. Lírica amorosa: marcado pelo dualismo amoroso (carne e espírito), que leva a um sentimento de culpa no plano espiritual. A mulher, na maioria das vezes, é vista como a personificação do próprio pecado, da perdição espiritual.

EXEMPLO:

Anjo no nome, Angélica na cara.
 Isso é ser flor, e Anjo juntamente,
 Ser Angélica flor, e Anjo florente,
 Em quem, senão em vós se uniformara?

Quem veria uma flor, que a não cortara
 De verde pé, de rama florescente?
 E quem um Anjo vira tão luzente,
 Que por seu Deus, o não idolatrara?

Se como Anjo sois dos meus altares,
 Fôreis o meu custódio, e minha guarda,
 Livrara eu de diabólicos azares.

Mas vejo, que tão bela, e tão galharda,
 Posto que os Anjos nunca dão pesares,
 Sois Anjo, que me tenta, e não me guarda.

5.2- Lírica filosófica: destacam-se os textos que fazem referência ao desconcerto do mundo (o que lembra diretamente Camões) e as frustrações humanas diante da realidade. Também há poemas em que predomina a consciência da transitoriedade da vida e do tempo, marcados pelo *carpe diem*.

Desenganos da vida metaforicamente
 É vaidade, Fábio, nesta vida,
 Rosa, que dá manhã lisonjeada,
 Púrpuras mil, com ambição dourada,

Airosa rompe, arrasta presumida.
 É planta, que de abril favorecida,
 Por mares de soberba desatada,
 Florida galeota empavesada,

Sulca ufana, navega destemida.
 É nau enfim, que em breve ligeireza,
 Com presunção de Fênix generosa,

Galhardias apresta, alentos preza:

Mas ser planta, ser rosa, nau vistosa
 De que importa, se aguarda sem defesa
 Penha a nau, ferro a planta, tarde a rosa?

5.3- Lírica religiosa: obedecendo aos princípios fundamentais do Barroco europeu, faz uso de temas, como o amor a Deus, a culpa, o arrependimento, o pecado e o perdão, além de referências bíblicas. A linguagem utilizada é a culta e apresenta inversões e as figuras de linguagem são abundantes.

EXEMPLO:

Pequei, Senhor; mas não porque hei pecado,
 da vossa Alta Clemência me despido;
 porque, quanto mais tenho delinqüido,
 vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vos tirar tanto pecado,
 a abrandar-vos sobeja um só gemido:
 que a mesma culpa, que vos há ofendido,
 vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma ovelha perdida e já cobrada
 glória tal e prazer tão repentino
 vos deu, como afirmais na Sacra História,
 eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada;
 cobrai-a; e não queirais, Pastor Divino,
 perder na vossa ovelha a vossa glória.

5.4- A sátira

Gregório de Matos ficou conhecido também como “O Boca do Inferno”, em razão de suas sátiras. O autor representa uma das veias mais ricas e ferinas de toda a literatura satírica em língua portuguesa.

O poeta não poupou o uso de palavrões em sua linguagem, nem as críticas a todas as classes da sociedade baiana do seu tempo. Criticava o governador, o clero, os comerciantes, os negros etc.

A sátira representa a parte mais original da poesia de Gregório de Matos, pois foge completamente dos padrões pré-estabelecidos pelo Barroco vigente e se volta para a realidade baiana do séc. XVII.

Por isso, pode-se chamá-la de poesia realista e brasileira, não somente pelos temas escolhidos, mas também pela percepção crítica da exploração colonialista empreendida pelos portugueses na colônia.

Além disso, Gregório emprega na sátira uma língua portuguesa diversificada, cheia de

termos indígenas e africanos (que refletem o bilinguismo ou trilinguismo da época), de palavras, gírias e expressões locais.

EXEMPLO:

Descreve o que era naquele tempo a cidade da Bahia

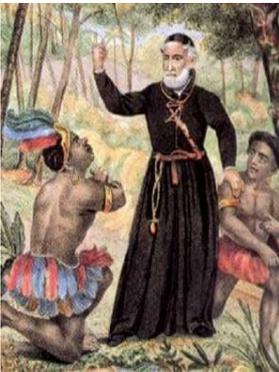
A cada canto um grande conselheiro,
 Que nos quer governar cabana e vinha;
 Não sabem governar sua cozinha,
 E podem governar o mundo inteiro.

Em cada porta um bem frequente olheiro,
 Que a vida do vizinho e da vizinha
 Pesquisa, escuta, espreita e esquadrinha,
 Para o levar à praça e ao terreiro.

Muitos mulatos desavergonhados,
 Trazidos sob os pés os homens nobres,
 Posta nas palmas toda a picardia,

Estupendas usuras nos mercados,
 Todos os que não furtam muito pobres:
 E eis aqui a cidade da Bahia.

6- Padre Antônio Vieira



Padre Antônio Vieira nasceu em Lisboa, em 1608, e morreu na Bahia, em 1697. Com sete anos de idade, veio para o Brasil e entrou para a Companhia de Jesus. Por defender posições favoráveis aos índios e aos judeus, foi condenado à prisão pela Inquisição,

onde ficou por dois anos.

Responsável pelo desenvolvimento da prosa no período do barroco, Padre Antônio Vieira é conhecido por seus sermões polêmicos em que critica, entre outras coisas, o despotismo dos colonos portugueses, a influência negativa que o Protestantismo exerceria na colônia, os pregadores que não cumpriam com seu ofício de catequizar e evangelizar (seus adversários católicos) e a própria Inquisição. Além disso, defendia os índios e sua evangelização, condenando os horrores vivenciados por eles nas mãos de colonos e os cristãos-novos (judeus convertidos ao Catolicismo) que aqui se instalaram. Famoso por seus sermões, padre Antônio

Vieira também se dedicou a escrever cartas e profecias.

A obra de Pe. Antônio Vieira é dividida em:

- **Profecias:** História do Futuro; Esperanças de Portugal; Clavis Prophetarum.
- **Cartas:** Existem cerca de 500 cartas que, em geral, tratam de assuntos sobre a inquisição, os novos cristãos e a relação de Portugal e Holanda. Muitos têm essas cartas como documentos históricos importantes.
- **Sermões:** Ele escreveu aproximadamente 200 sermões com o estilo barroco conceptista. Tratava o assunto de maneira lógica, racional e utilizava a retórica aprimorada. Seu sermão mais famoso é o “Sermão da Sexagésima”, que é cheio de metalinguagem e tem como tema a própria arte de pregar.

QUESTÕES

01- (ENEM)



(BARDI, P. M. Em torno da escultura no Brasil. São Paulo: Banco Sudameris Brasil, 1989.)

Com contornos assimétricos, riqueza de detalhes nas vestes e nas feições, a escultura barroca no Brasil tem forte influência do rococó europeu e está representada aqui por um dos profetas do pátio do Santuário do Bom Jesus de Matosinho, em Congonhas (MG), esculpido em pedra-sabão por Aleijadinho. Profundamente religiosa, sua obra revela:

- a) liberdade, representando a vida de mineiros à procura da salvação.
- b) credibilidade, atendendo a encomendas dos nobres de Minas Gerais.
- c) simplicidade, demonstrando compromisso com a contemplação do divino.
- d) personalidade, modelando uma imagem sacra com feições populares.
- e) singularidade, esculpindo personalidades do reinado nas obras divinas.

ARCADISMO



1- CONTEXTO HISTÓRICO

No século XVIII, as formas artísticas do Barroco já se encontram desgastadas e decadentes. O fortalecimento político da burguesia e o aparecimento dos filósofos iluministas dão origem a um novo quadro sócio-político-cultural e a um público diferente, que necessita de outras fórmulas de expressão.

Combate-se a mentalidade religiosa criada pela Contrarreforma, nega-se a educação jesuítica praticada nas escolas, valoriza-se o estudo científico e as atividades humanas, num verdadeiro retorno à cultura renascentista. A literatura que surge para combater a arte barroca e sua mentalidade religiosa e contraditória é o Neoclassicismo, que objetiva restaurar o equilíbrio por meio da razão.

Na Itália essa influência assumiu feição particular. Conhecida como Arcadismo, inspirava-se na lendária região da Grécia antiga. Segundo a lenda, a Arcádia era dominada pelo deus Pan e habitada por pastores que, vivendo de modo simples e espontâneo, se divertiam cantando, fazendo disputas poéticas e celebrando o amor e o prazer.

Os italianos, procurando imitar a lenda grega, criaram a Arcádia em 1690 - uma academia literária

que reunia os escritores com a finalidade de combater o Barroco e difundir os ideais neoclássicos. Para serem coerentes com certos princípios, como simplicidade e igualdade, os cultos literatos árcades usavam roupas e pseudônimos de pastores gregos e reuniam-se em parques e jardins para gozar a vida natural.

No Brasil e em Portugal, a experiência neoclássica na literatura se deu em torno dos modelos do Arcadismo italiano, com a fundação de academias literárias, simulação pastoral, ambiente campestre, etc.

Esses ideais de vida simples e natural vêm ao encontro dos anseios de um novo público consumidor em formação, a burguesia, que historicamente lutava pelo poder e denunciava a vida luxuosa da nobreza nas cortes.

1.1 Panorama histórico-cultural

As sementes da revolução já haviam sido lançadas no Renascimento: a crença no homem, o racionalismo e, do ponto de vista político-econômico, o mercantilismo. Esse novo sistema econômico propiciou a formação de capitais e o surgimento de uma nova classe, a burguesia, que se afirma com força política e econômica no século XVIII. A ciência é impulsionada, a máquina a vapor é aperfeiçoada e o trabalho artesanal começa a ser substituído por máquinas. A Inglaterra vive a Revolução Industrial e a ascensão do capitalismo, que aos poucos se estende a outros países da Europa e dos Estados Unidos.

O processo industrial atrai os camponeses, ocasionando o crescimento das cidades, o abandono do campo e o aumento das tensões sociais.

Acreditando que, para tirar os homens das trevas da ignorância e das superstições, seria necessário dar-lhes as “luzes” da ciência, procurou-se reunir todo o conhecimento

científico e filosófico e divulgá-lo para a maior quantidade possível de indivíduos. Nesse contexto, Diderot e D'Alembert, organizam a Enciclopédia. Entra em cena o Iluminismo, conjunto das tendências ideológicas, filosóficas e científicas desenvolvido no período, consequência da recuperação de um espírito experimental, racional que buscava o saber enciclopédico. Os Iluministas tentavam retomar a postura marcante do Renascimento, subitamente interrompida pelas medidas da Contrarreforma que influenciaram de modo determinante a estética barroca.

Os Iluministas acreditavam que a ciência, o progresso e a liberdade eram meios de trazer a felicidade aos homens. Não aceitavam o Estado absolutista, pregavam a igualdade de poderes e o direito de propriedade. Era a ideologia da burguesia em ascensão, que resultou na Revolução Francesa, na Independência dos Estados Unidos e, no cenário brasileiro, na Inconfidência Mineira.

No plano político, os iluministas rejeitaram o autoritarismo dos reis absolutistas, argumentando que todos os homens são dotados igualmente de razão e só a ela devem obedecer. Negavam assim os privilégios da nobreza e propunham igualdade de direitos e deveres entre os homens. Começaram então a se estabelecer as ideias de democracia e igualdade social que envolvem o mundo contemporâneo.

No plano religioso, os iluministas acabaram por chocar-se com as ideias dogmáticas da Igreja. A fé pressupõe crer sem examinar, já os iluministas queriam submeter todas as questões que envolvem a realidade à análise da razão.

2- CARACTERÍSTICAS

➤ **Bucolismo/Pastoralismo:** a poesia árcade retrata uma natureza tranquila e serena, procurando o “*Locus Amoenus*”, um refúgio calmo que se contrastava com os centros

urbanos monárquicos. O burguês culto buscava na natureza o oposto da aristocracia.

- **Aurea Mediocritas:** os poetas, autointitulados pastores, exaltavam a vida simples, equilibrada, espontânea e humildade. Para ser feliz, bastava estar em comunhão com a natureza.
- **Pseudônimos pastoris:** o fingimento poético (simulação de sentimentos fictícios) é marcado pela utilização dos pseudônimos pastoris. Como pastores, os poetas, em sua maioria burgueses que vivam nos centros urbanos, realizavam o ideal da mediocridade dourada (*aurea mediocritas*).
- **Carpe diem:** significa aproveitar o dia, viver o momento com grande intensidade. Foi a atitude assumida pelos poetas-pastores, que acreditavam que o tempo não parava e, por isso, deveria ser vivido plenamente em todos os sentidos.
- **Fugere Urbem:** os árcades buscavam uma vida simples, próxima da natureza, longe das confusões urbanas. A modernização das cidades trazia os problemas dos conglomerados urbanos. A alternativa era mudar-se para os prados e campos.
- **Inutilia Truncat/Objetivismo:** as inutilidades eram cortadas. A linguagem era depurada, sem exageros ou o rebuscamento da poesia barroca. Os poetas árcades eram contidos em sua expressão poética.
- **Universalismo:** os árcades não compactuam com o individualismo. Tratam dos temas de maneira geral ou universal.

3- O ARCADISMO NO BRASIL

O Arcadismo no Brasil teve início no ano de 1768, com a publicação do livro *Obras de Cláudio Manuel da Costa*.

O eixo do Brasil-colônia se deslocara do nordeste para a região centro-sul, Rio de Janeiro e, especialmente, Vila Rica, atual cidade de Ouro Preto. Esse deslocamento deu-se com o declínio da produção açucareira no Nordeste e ao

desenvolvimento do ouro e do diamante em Minas Gerais. Essa intensa atividade econômica deu ensejo ao aparecimento da vida urbana. Os poetas árcades brasileiros estudaram em Portugal e de lá trouxeram ideais libertários que fervilhavam pela Europa inteira.

Nesse período Portugal explorava suas colônias a fim de conseguir suprir seu déficit econômico. A economia brasileira estava voltada para a mineração e, portanto, ao estado de Minas Gerais. No entanto, os minérios começaram a ficar escassos e os impostos cobrados por Portugal aos colonos ficaram exorbitantes.

Surgiu, então, no Brasil, a necessidade de buscar uma forma de se desvincular do seu explorador. Logo, ideais revolucionários começaram a se desenvolver aqui, sob influências das Revoluções Industrial e Francesa, ocorridas na Europa, bem como do exemplo da Independência dos Estados Unidos.

Enquanto na Europa surgia o trabalho assalariado, o Brasil ainda vivia o tempo de escravidão. Há um processo de revoltas no Brasil, tendo como a mais eloquente a Inconfidência Mineira, movimento que teve envolvimento dos escritores árcades, como Tomás Antônio Gonzaga, Alvarenga Peixoto e Cláudio Manuel da Costa, além do dentista Tiradentes.

Além das características trazidas da Europa, o Arcadismo no Brasil adquiriu algumas particularidades temáticas abaixo apontadas:

- ✓ Inserção de temas e motivos não existentes no modelo europeu, como a paisagem tropical, elementos da flora e da fauna do Brasil e alguns aspectos peculiares da colônia, como a mineração, por exemplo;
- ✓ Episódios da história do país, nas poesias heroicas;
- ✓ O índio como tema literário.

Esses novos temas já prenunciam o que seria o Romantismo no Brasil: a representação do indígena e da cor local.

Os principais autores árcades são: Cláudio Manoel da Costa, Tomás Antonio Gonzaga, Basílio da Gama, Silva Alvarenga e Frei José de Santa Rita Durão.

Manuel Maria Barbosa Du BOCACHE (português) – poeta de transição entre o Arcadismo e o Pré-Romantismo.

No Brasil, temos Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga, Basílio da Gama, Santa Rita Durão, Silva Alvarenga.

4- CLÁUDIO MANUEL DA COSTA



O introdutor do Arcadismo no Brasil estudou Direito em Coimbra e voltou à terra natal para exercer a profissão e cuidar de sua herança. Apesar da vida pacata em Vila Rica, foi ele uma das vítimas do rigor com que o governo português tratou os participantes da Inconfidência Mineira. Preso em 1789, foi encontrado enforcado em seu cárcere após um interrogatório. Há a hipótese de ter sido assassinado.

Conhecido como poeta de transição sua poesia ainda está ligada ao cultismo barroco, em alguns aspectos como o uso de inversões e figurações (“negro manto”). Observe:

*Já rompe, Nise, a matutina aurora
O negro manto, com que a noite escura,
Sufocando do Sol a face pura,
Tinha escondido a chama brilhadora.*

O autor cultivou a poesia lírica e épica. Na lírica, destaque para a desilusão amorosa (uso do pseudônimo Glauceste Satúrnio). O eu lírico pastor lamenta-se em razão de não ser correspondido por sua musa inspiradora, Nise, ou por se encontrar num lugar de grande beleza natural sem a companhia da mulher amada. Nise representa o ideal da mulher amada inalcançável, nítido traço do reaproveitamento do neoplatonismo amoroso.



LXXX

Quando cheios de gosto, e de alegria
Estes campos diviso florescentes,
Então me vêm as lágrimas ardentes
Com mais ânsia, mais dor, mais agonia.

Aquele mesmo objeto, que desvia
Do humano peito as mágoas inclementes,
Esse mesmo em imagens diferentes
Toda a minha tristeza desafia.

Se das flores a bela contextura
Esmalta o campo na melhor fragrância,
Para dar uma idéia da ventura;

Como, ó Céus, para os ver terei constância,
Se cada flor me lembra a formosura
Da bela causadora de minha ânsia?
(Cláudio Manuel da Costa)

Sua obra lírica é constituída, principalmente, de élogos e sonetos. Dentre elas, são dignas de destaque Obras poéticas - obra que introduziu o Arcadismo.

Na épica escreveu o poema Vila Rica, inspirado nas epopeias clássicas, que trata da penetração bandeirante, da descoberta das minas, da fundação de Vila Rica e de revoltas locais.

Enfim serás cantada, Vila Rica,
Teu nome alegre notícia, e já clamava;
Viva o senado! viva! repetia
Itamonte, que ao longe o eco ouvia

5- Tomás Antônio Gonzaga (1744 – 1810)

Nasceu no Porto, em Portugal no ano de 1744. Veio ainda menino para o Brasil. Posteriormente, voltou a Portugal e se formou em Coimbra, onde teve contato com as ideias iluministas e árcades. A partir de 1782 passou a exercer o cargo de ouvidor em Vila Rica. Começou ali sua amizade com Cláudio Manuel da Costa e romance com Maria Joaquina Dorotéia de Seixas, que passaria a ser identificada com a Marília de seus poemas. Foi denunciado como conspirador Inconfidência Mineira. Preso, foi egredado para Moçambique, onde morreu.

Escreveu as líras Marília de Dirceu, poemas centrados no tema de amor do pastor Dirceu pela jovem Marília.

Marília e Dirceu apresenta basicamente duas partes: a primeira pode ser identificada com o período de conquista amorosa e namoro; a segunda pertence à fase da prisão do poeta, veja os versos:

1ª parte

Na sua face mimosa,
Marília, estão misturadas
Purpúreas folhas de rosa,
brancas folhas de jasmim.
Dos rubins mais preciosos
os seus beijos são formados,
os seus dentes delicados
são pedaços de mafim.

2ª parte

Estou no inferno, estou, Marília bela;
e numa coisa só é mais humana
a minha dura estrela;
uns não podem mover do inferno os passos;
eu pretendo voar cedo
à glória dos teus braços.

As experiências dão à obra de Gonzaga maior subjetividade, espontaneidade e emotividade, traços que foram aprofundados pelo movimento literário subsequente, o Romantismo.

Romantismo



Movimento artístico e filosófico surgido no final do século XVIII na Europa que perdurou até grande parte do século XIX. Nasce na Alemanha quando Goethe publicou Werther, mas é na França que ganha força e de lá se espalha pela Europa e pelas Américas. Opõe-se ao racionalismo e ao rigor do neoclassicismo. Caracteriza-se por defender a liberdade de criação e privilegiar a emoção. As obras valorizam o individualismo, o sofrimento amoroso, a religiosidade cristã, a natureza, os temas nacionais e o passado. A tendência está impregnada de ideais de liberdade da Revolução Francesa (1789).

1- Panorama histórico-cultural

A palavra-chave em fins do século XVIII e no início do XIX era a liberdade. O Romantismo rompe com a tradição clássica e abre caminho para a modernidade.

Os burgueses pregavam o liberalismo econômico e a democracia no terreno preparado pelos filósofos iluministas da primeira metade do século XVIII. Décadas depois, a Revolução toma conta da Europa. Os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade contagiaram os setores populares – o campesinato e os trabalhadores urbanos, arregimentando-os para a derrubada dos regimes absolutistas.

Economicamente, a Europa presenciava a euforia e as consequências decorrentes da Revolução Industrial na Inglaterra: novos inventos para a indústria, divisão do trabalho e maior produtividade, formação de centros fabris e urbanos, surgimento do operariado, revoltas sociais e nascimento de sindicatos, associações de trabalhadores e de patrões.

A substituição do trabalho dos camponeses pelas máquinas desencadeou o êxodo rural, uma vez que as indústrias localizavam-se nas proximidades dos grandes centros urbanos. Esse deslocamento já permitia antever problemas futuros, mas naquele primeiro momento da Revolução Industrial era de entusiasmo e crença nos benefícios econômicos trazidos por ela. O triunfo do Capitalismo como sistema econômico consuma-se pouco a pouco.

O Arcadismo não deixara de ser em essência a continuação do Classicismo, com seus modelos e regras, enquanto os românticos, num clima de liberdade e transformação, puderam, de fato, propor uma ruptura com os modelos preestabelecidos e a absoluta liberdade de criação.

O novo público consumidor, de origem burguesa, não mais aceitando os padrões clássicos que indicavam uma concepção estática do mundo, dita novos valores: o apego às tradições nacionais, o gosto pelas lendas e narrativas de origem medieval e pelo heroísmo; o sacrifício e sangue derramado, que evocam o recente passado revolucionário, e a afirmação das nacionalidades.

A arte até então era produzida e consumida pela aristocracia. Era feita pela elite e para a elite. Com a mudança no cenário político, após a chegada da burguesia ao poder como consequência da Revolução Francesa, os artistas, aristocratas,

olhavam para o burguês como um arrivista social que tinha dinheiro e poder, mas carecia de cultura e educação. Era preciso, portanto, que ocorresse uma transformação cultural equivalente à política. Somente os burgueses, interessados em somar poder econômico ao prestígio social, podiam realizar essa reforma.

2- Características do Romantismo

- **Subjetivismo:** o romancista trata dos assuntos de forma pessoal, de acordo com sua opinião sobre o mundo. O subjetivismo pode ser notado através do uso de verbos na primeira pessoa. Trata-se sempre de uma opinião particular, dada por um indivíduo que baseia sua perspectiva naquilo que as suas sensações captam. Com plena liberdade de criar, o artista romântico não se acanha em expor suas emoções pessoais, em fazer delas a temática sempre retomada em sua obra. O eu é o foco principal do subjetivismo, o eu é egoísta, forma de expressar seus sentimentos.

- **Egocentrismo:** a maior parte dos poetas românticos volta-se predominantemente para o próprio eu, numa postura tipicamente narcisista. Como o nome já diz, é a colocação do ego no centro de tudo.

- **Idealização:** empolgado pela imaginação, o autor idealiza temas, exagerando em algumas de suas características. Dessa forma, a mulher é uma virgem frágil, o índio é um herói nacional, e a pátria sempre perfeita. Essa característica é marcada por descrições minuciosas e muitos adjetivos.

- **Fusão do Grotresco e do sublime:** há a fusão do belo e do feio. Apesar da tendência idealizante, o Romantismo procura captar o homem em sua plenitude, enfocando também o lado feio e obscuro de cada um.

- **Sentimentalismo:** a relação do artista romântico com o mundo é sempre mediada pela emoção, sendo as mais comuns a saudade, a tristeza e a desilusão. Os poemas expressam o sentimento do poeta, suas emoções e são como o relato sobre uma vida.

- **Religiosidade:** sobretudo nos primeiros românticos, surgiu como reação ao materialismo racionalista; evidentemente, porém, não se trata de uma fé apoiada em base inteligente, e sim em base emocional, servindo até de válvula de escape para a frustração da vida real.

- **Medievalismo:** alguns românticos se interessavam pela origem de seu povo, de sua língua e de seu próprio país. Na Europa, eles acharam no cavaleiro fiel à pátria um ótimo modo de retratar as culturas de seu país; no Brasil, o índio é a representação viva do nosso passado medieval.

- **Indianismo:** o interesse pelo índio e sua idealização estão relacionados com o projeto nacionalista do Romantismo. O índio, contrapondo-se ao colonizador português e à sua cultura, representa o elemento nativo, as próprias origens do país.

O Indianismo é o medievalismo "adaptado" ao Brasil, como os brasileiros não tinham um cavaleiro para idealizar, os escritores adotaram o índio como o ícone para a origem nacional e o colocam como um herói. O indianismo resgatava o ideal do "bom selvagem" (Jean-Jacques Rousseau), segundo o qual a sociedade corrompe o homem e o homem perfeito seria o índio, que não tinha nenhum contato com a sociedade europeia.

- **A evasão ou escapismo:** resultado do conflito do eu com a realidade, o que leva o romântico a evadir-se na aspiração por um outro mundo, onde ele não encontre as dificuldades da realidade a que está vinculado.

Resultam daí:

- **Saudosismo:** da infância, do passado, da pátria, dos entes queridos.

- **O sonho:** que permite a criação de um mundo pessoal e idealizado.

- **A consciência da solidão:** resultante de uma inadaptação ao mundo e da crença de que é um incompreendido.

- **O exagero:** apelo aos extremos e ao excesso de figuras de linguagem.

- **Byronismo:** inspirado na vida e na obra de Lord Byron, poeta inglês. Estilo de vida boêmio, voltado para vícios, bebida, fumo e sexo, podendo estar representado no personagem ou na própria vida do autor romântico. O byronismo é caracterizado pelo narcisismo, pelo egocentrismo, pelo pessimismo, pela angústia e, por vezes, pelo satanismo.

- **Condoreirismo:** trata-se de uma corrente de poesia político-social que ganhou repercussão entre os poetas da terceira geração romântica no Brasil, os quais estão comprometidos com a causa abolicionista e republicana. Na Europa, tornam-se defensores da classe operária.

3- Romantismo no Brasil

O Romantismo nasce no Brasil poucos anos depois de nossa independência política. Por isso, as primeiras obras e os primeiros artistas românticos estão empenhados em definir um perfil da cultura

brasileira em vários aspectos: a língua, a etnia, as tradições, o passado histórico, as diferenças regionais, a religião, etc. Pode-se dizer que o nacionalismo é o traço essencial que caracteriza a produção de nossos primeiros escritores românticos, como é o caso de Gonçalves Dias.

A história do Romantismo no Brasil confunde-se com a própria história política brasileira da primeira metade do século passado. Com a invasão de Portugal por Napoleão, a Coroa portuguesa muda-se para o Brasil em 1808 e eleva a colônia à categoria de Reino Unido, ao lado de Portugal e Algarves.

As consequências desse fato são inúmeras. A vida brasileira altera-se profundamente, o que de certa forma contribui para o processo de independência política da nação.

A dinamização da vida cultural da colônia e a criação de um público leitor (mesmo que, inicialmente, de jornais) criam algumas das condições necessárias para o florescimento de uma literatura mais consistente e orgânica do que eram as manifestações literárias dos séculos XVII e XVIII.

A Independência política, de 1822, desperta na consciência de intelectuais e artistas nacionais a necessidade de criar uma cultura brasileira identificada com suas próprias raízes históricas, linguísticas e culturais.

O Romantismo, além de seu significado primeiro, o de ser uma reação à tradição clássica, assume em nossa literatura a conotação de um movimento anticolonialista e antilusitano, ou seja, de rejeição à literatura produzida na época colonial, em virtude do apego dessa produção aos modelos culturais portugueses.

Portanto, um dos traços essenciais de nosso Romantismo é o nacionalismo, que orientará o movimento e lhe abrirá um rico leque de possibilidades a serem exploradas. Dentre elas se destacam: o indianismo, o regionalismo, a pesquisa histórica, folclórica e linguística, além da crítica aos problemas nacionais todas essas

posturas comprometidas com o projeto de construção de uma identidade nacional.

A publicação da obra *Suspiros poéticos e saudades* (1836), de Gonçalves de Magalhães, tem sido considerado o marco inicial do Romantismo no Brasil. A importância dessa obra reside muito mais nas novidades teóricas de seu prólogo, em que Magalhães anuncia a revolução literária romântica, do que propriamente na execução dessas teorias.

➤ 1ª Geração Romântica (Nacionalista ou Indianista)

No Romantismo, o indivíduo sente-se em desajuste com a sociedade, por isso a necessidade de fugir da realidade. Um dos mecanismos usados para fugir da realidade é voltar-se para o passado.

No Romantismo europeu, a volta ao passado histórico leva à Idade Média, onde estão as origens das nações europeias. Mas, como o Brasil não teve Idade Média, voltar ao passado significa redescobrir o país antes da chegada dos europeus, quando era habitado por nações indígenas.

Como exemplo, leia este trecho de *Iracema*, de José de Alencar:

“Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se. Diante dela e todo a contemplá-la está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta.”

Nesse romance, de 1865, o escritor apresenta uma visão poética da formação do povo brasileiro. De acordo com sua “lenda”, ele tem origem na união do índio, representado por *Iracema*, a “virgem dos lábios de mel”, e o branco europeu, representado pelo guerreiro *Martim Repare* que o negro ficou de fora do projeto nacionalista-literário da primeira geração.

Em lugar do cavaleiro medieval, a figura do índio é idealizada porque seria um antepassado nacional legitimamente brasileiro, e não europeu. Logo, um dos temas centrais da primeira geração é o indianismo. Outro tema é a exaltação da pátria (nacionalismo ufanista), pois nossos primeiros românticos entenderam que sua missão era fundar uma identidade brasileira.

O Romantismo brasileiro surge carregado de lusofobia e, principalmente, de nacionalismo. Para criar uma nova identidade nacional, buscavam suas bases no nativismo do período literário anterior, no elogio a terra e ao homem primitivo.

Inspirados em Rousseau idealizavam os índios como bons selvagens, cujos valores heroicos tomavam como modelo da formação do povo brasileiro.

A Primeira Geração Romântica tem como principais **características**:

- ✓ Exaltação da natureza e da liberdade
- ✓ Religiosidade
- ✓ Figura do índio ou indianismo
- ✓ Sentimentalismo, emoções
- ✓ Nacionalismo-ufanista
- ✓ Brasileirismo (linguagem)

I- Biografia: Antônio Gonçalves Dias



Poeta, professor, crítico de história, nasceu em Caxias, MA, em 10 de agosto de 1823, e faleceu em um naufrágio, no baixo dos Atins, MA, em 3 de novembro de 1864. Estudou direito embora não tenha se formado. Por ser filho de comerciante

português branco com mãe cafuza, se orgulhava de trazer em seu sangue a mistura das três raças que formaram a etnia do Brasil.

Em sua poesia Gonçalves Dias abordou os três temas românticos fundamentais:

- Natureza
- Religião
- Pátria

Além de escrever poemas líricos amorosos.

A lírica de Gonçalves Dias singulariza-se no conjunto da poesia romântica brasileira como a mais literária, isto é, a que melhor exprimiu o caráter mediador entre os polos da expressão e da construção.

- Caracteriza-se pelo sofrimento;
- Raramente se realiza, é sempre ilusão perdida, impossibilidade de relacionamento;
- Apaixonar-se é pois, predispor-se a angústia e a solidão;

➤ Análise de poemas

CANÇÃO DO EXÍLIO

Minha terra tem palmeiras,
 Onde canta o Sabiá;
 As aves, que aqui
 gorjeiam,
 Não gorjeiam como lá.



Nosso céu tem mais
 estrelas,
 Nossas várzeas têm mais
 flores,
 Nossos bosques têm mais
 vida,
 Nossa vida mais amores.
 Em cismar, sozinho, à noite,
 Mais prazer eu encontro lá;
 Minha terra tem palmeiras,
 Onde canta o Sabiá.

Olhos verdes

*São uns olhos verdes, verdes,
 Uns olhos de verde-mar;
 Quando o tempo vai bonança;
 Uns olhos cor de esperança,
 Uns olhos por que morri:
 Que ai de mi!
 Nem já sei qual fiquei sendo
 Depois que os vi!*

*Como duas esmeraldas,
 Iguais na forma e na cor;
 Têm luz mais branda e mais forte,
 Diz uma - vida, outra - morte;
 Uma - loucura, outra - amor.
 Mas ai de mi!
 Nem já sei qual fiquei sendo
 Depois que os vi!*

*São verdes da cor do prado,
 Expressam qualquer paixão,
 Tão facilmente se inflamam,
 Tão meigamente derramam
 Fogo e luz do coração;
 Mas ai de mi!
 Nem já sei qual fiquei sendo
 Depois que os vi!*

2ª Geração Romântica (Mal do Século)

Em vez do índio, da natureza e da pátria, ganham ênfase a angústia, o sofrimento, a dor existencial, o amor que oscila entre a sensualidade e a idealização.

Inspirados nas obras dos poetas Lord Byron, Goethe, Chateaubriand e Alfred de Musset, os autores dessa geração também são conhecidos como "byronianos".

As principais características da geração são:

- individualismo,
- egocentrismo,
- negativismo,
- dúvida,
- desilusão,
- tédio
- fuga da realidade.

São temas recorrentes nas obra dos autores da segunda geração: a idealização da infância, a representação das mulheres virgens sonhadas e a exaltação da morte.

Entre as características gerais do Romantismo, aquela que mais se faz presente na segunda geração do movimento no Brasil é a evasão da realidade. Só que essa evasão não acontece no tempo ou no espaço, como na primeira geração. Agora, a fuga da realidade ganha contornos trágicos. Os heróis românticos encontram na morte uma solução para seus problemas existenciais, podendo chegar, inclusive, ao suicídio. Isso acontece porque, de acordo com o pensamento romântico, o indivíduo vive em constante conflito com a sociedade, tornando-se uma espécie de "desajustado".

Essas atitudes caracterizam aquilo que ficou conhecido como "mal-do-século". Assim sendo, por levar o subjetivismo romântico às últimas consequências, a segunda fase do Romantismo no Brasil também é conhecida como geração ultrarromântica.

I- Biografia de Álvares de Azevedo



Álvares de Azevedo (1831-1852) foi um poeta, escritor e contista, da segunda geração romântica brasileira. Suas poesias retratam o seu mundo interior. É conhecido como "o poeta da dúvida". Faz parte dos poetas que deixaram em

segundo plano, os temas nacionalistas e indianistas, usados na primeira geração romântica, e mergulharam fundo em seu mundo interior. Seus poemas falam constantemente do tédio da vida, das frustrações amorosas e do sentimento de morte. A figura da mulher aparece em seus versos, ora como um anjo, ora como um ser fatal, mas sempre inacessível.

Quatro são os seus temas preferidos:

- Amor
- Morte
- Tédio
- Humor Prosaico

➤ Amor

É a parte menos convincente de sua lírica. A máscara satânica que tenta usar peca pela falsidade;

*“E por te amar, por teu desdém, perdi-me...
Tresnoitei-me em orgias, macilento,
Brindei, blasfemo, ao vício, e da minha alma
Tentei me suicidar, no esquecimento!”*

No entanto (esse Dom Juan das aparências) acaba sendo traído pela própria interioridade. O grande devasso, o amante cínico, revela inconscientemente um medo obscuro das relações amorosas. Este medo se traduz, por exemplo, através da imagem da mulher adormecida.

➤ Morte

Quando trata da morte - o aspecto mais conhecido de sua obra - pode-se perceber com clareza as qualidades expressivas do artista. Ela é um tema constante. O poeta a antevê, a profetiza para si próprio, não pode esquecê-la.

SE EU MORRESSE AMANHÃ

Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã;
Minha mãe de saudades morreria
Se eu morresse amanhã!

Quanta glória pressinto em meu futuro!
Que aurora de porvir e que manhã!
Eu perdera chorando essas coroas
Se eu morresse amanhã!
Que sol! que céu azul! que dove n'alva
Acorda a natureza mais loucã!

Não me batera tanto amor no peito
Se eu morresse amanhã!

Mas essa dor da vida que devora
A ânsia de glória, o dolorido afã...
A dor no peito emudecera ao menos
Se eu morresse amanhã!

➤ Tédio ou Spleen

Na segunda parte de Lira dos vinte anos, as fantasias eróticas, a avidez pelo amor, os artifícios byronianos e mesmo a obsessão pela morte, cedem lugar a uma espécie de cansaço existencial, o tédio.

O tédio, ou "mal du siècle", para os românticos europeus, era uma espécie de cinismo e enfado de quem tudo viveu, tudo experimentou: sexo, bebidas, ópio, transgressões.

Já no caso de Álvares de Azevedo, o tédio resultava da falta de vivências a que a cidade de São Paulo o condenava. Era uma cidadezinha provinciana, medíocre, de insípida vida noturna, sem horizontes para um rapaz sonhador.

*“Passei como Dom Juan entre as donzelas,
Suspirei as canções mais doloridas
E ninguém me escutou...
Oh! nunca à virgem flor das faces belas
Sorvi o mel nas longas despedidas...
Meu Deus! ninguém me amou!”*

➤ Humor Prosaico

Um dos traços mais surpreendentes de Álvares de Azevedo é a ironia, resultante da descoberta do risível nas coisas prosaicas.

Sem qualquer exacerbação sentimental, o poeta olha para tudo aquilo que o cerca e penetra humoristicamente no cotidiano.

*“Ó lua, ó lua bela dos amores,
Se tu és moça e tens um peito amigo,
Não me deixes assim dormir solteiro,
À meia-noite vem cear comigo.”*

II- Leitura dos poemas de Álvares de Azevedo

Amor

*Amemos! Quero de amor
Viver no teu coração!
Sofrer e amar essa dor
Que desmaia de paixão!
Na tu'alma, em teus encantos
E na tua palidez*

*E nos teus ardentes prantos
Suspirar de languidez!*

*Quero em teus lábios beber
Os teus amores do céu,
Quero em teu seio morrer
No enlevo do seio teu!
Quero viver d'esperança,
Quero tremer e sentir!
Na tua cheirosa trança
Quero sonhar e dormir!*

*Vem, anjo, minha donzela,
Minha 'alma, meu coração!
Que noite, que noite bela!
Como é doce a viração!
E entre os suspiros do vento
Da noite ao mole frescor,
Quero viver um momento,
Morrer contigo de amor!*

3ª Geração Romântica (Condoreira ou Poesia Social)

No Brasil, a primeira fase do movimento romântico tem como pano de fundo o processo de Independência. Por isso, os escritores desse período estão preocupados com a construção da identidade nacional. Depois, na segunda fase, os escritores deixam de lado o discurso nacionalista e se voltam para as profundezas do indivíduo.

Mas, na terceira fase do movimento romântico, o Brasil já se encontra em outro contexto social e histórico. É o momento em que os republicanos querem acabar com a monarquia e o movimento abolicionista ganha força entre os intelectuais. Por isso, a terceira fase do Romantismo também é conhecida como geração condoreira, pois o condor é uma ave que, voando muito alto, representa o desejo de renovação da sociedade brasileira.

Na verdade, a terceira geração romântica questiona a ideologia da primeira geração. É que os escritores da primeira fase do nosso Romantismo, como José de Alencar, representam o povo brasileiro como resultado da união de duas etnias: o branco europeu e o índio – mas deixa o negro de fora desse projeto nacionalista-literário. Afinal, numa sociedade escravocrata, transformar o negro em herói seria uma grande contradição.

Logo, podemos pensar que a terceira geração, ao recuperar o negro como personagem da

nossa cultura, possibilita uma resposta a essa lacuna.

Os poetas foram bastante influenciados por Victor Hugo, poeta francês, também preocupado com as causas sociais (hugoanismo)

➤ Características:

- Problemas humanos e universais;
- Grandiosidade e liberdade;
- Poesia social;
- Amor platônico X amor real.
- Temas sociais e políticos,
- Tom retórico
- Exaltado e desejo de liberdade;

I- Biografia de Castro Alves



Antônio Frederico de Castro Alves poeta, nasceu em Muritiba, BA, em 14 de março de 1847, e faleceu em Salvador, BA, em 6 de julho de 1871. Manifestou toda sua sensibilidade escrevendo versos de protesto contra a situação a qual os negros eram submetidos. Este seu estilo contestador o tornou

conhecido como o “Poeta dos Escravos”. Aos 21 anos de idade, mostrou toda sua coragem ao recitar, durante uma comemoração cívica, o “Navio Negro”.

Sua obra apresenta duas direções:

- Poesia social - causas liberais e humanitárias.
- Poesia lírica - natureza e amor sensual.

POESIA SOCIAL

Não apenas realizou uma poesia humanitária, como participou ativamente de toda a propaganda abolicionista e republicana. Esse engajamento político muitas vezes prejudica a sua literatura - que se torna mais denúncia do que arte - embora tal problema seja secundário diante da generosidade social do poeta.

POESIA LÍRICA

Reunida em Espumas Flutuantes, diferencia-se dos românticos anteriores pela visão poética do

amor como sentimento plenamente vivenciado e concretizado no plano emocional e no plano físico.

O amor é descrito com vigor, desejo e sensualidade, através de metáforas da natureza.

A mulher amada é real, de carne e osso e a paixão envolve e motiva o poeta a traduzir o relacionamento amoroso em versos.

O lirismo amoroso de Castro Alves distingue-se das concepções dominantes na poesia romântica brasileira.

Ao contrário de Gonçalves Dias, não considera o amor como impossível de ser realizado. Tampouco encobre a sensualidade, como Casimiro de Abreu. Muito menos apresenta a relação física como perversão fantasiosa, a exemplo de Álvares de Azevedo.

Em Castro Alves, as ligações sentimentais são apresentadas de uma maneira viril, sensual e calorosa.

II- Leitura dos poemas de Castro Alves O "adeus" de Teresa



*A vez primeira que eu fitei Teresa,
Como as plantas que arrasta a correnteza,
A valsa nos levou nos giros seus
E amamos juntos E depois na sala
"Adeus" eu disse-lhe a tremer co'a fala*

E ela, corando, murmurou-me: "adeus!"

*Uma noite entreabriu-se um reposteiro. . .
E da alcova saía um cavaleiro
Inda beijando uma mulher sem véus
Era eu Era a pálida Teresa!
"Adeus" lhe disse conservando-a presa*

E ela entre beijos murmurou-me: "adeus!"

*Passaram tempos sec'los de delírio
Prazeres divinais gozos do Empíreo*

... Mas um dia volvi aos lares meus.

*Partindo eu disse - "Voltarei! descansa!. . ."
Ela, chorando mais que uma criança,*

Ela em soluços murmurou-me: "adeus!"

*Quando voltei era o palácio em festa!
E a voz d'Ela e de um homem lá na orquestra
Preenchiam de amor o azul dos céus.
Entre! Ela me olhou branca surpresa!
Foi a última vez que eu vi Teresa!*

E ela arquejando murmurou-me: "adeus!"

Castro Alves

O Navio Negroiro (Fragmentos)



I

*'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar — dourada borboleta;
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.*

*'Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troca acende as ardentias,
— Constelações do líquido tesouro...*

*'Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano,
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dous é o céu? qual o oceano?..*

*'Stamos em pleno mar. . . Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas...*

*Donde vem? onde vai? Das naus errantes
 Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?
 Neste saara os corcéis o pó levantam,
 Galopam, voam, mas não deixam traço.
 Bem feliz quem ali pode nest'hora
 Sentir deste painel a majestade!
 Embaixo — o mar em cima — o firmamento...
 E no mar e no céu — a imensidade!
 Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!
 Que música suave ao longe soa!
 Meu Deus! como é sublime um canto ardente
 Pelas vagas sem fim boiando à toa!*

*Homens do mar! ó rudes marinheiros,
 Tostados pelo sol dos quatro mundos!
 Crianças que a procela acalentara
 No berço destes pélagos profundos!
 Esperai! esperai! deixai que eu beba
 Esta selvagem, livre poesia
 Orquestra — é o mar, que ruge pela proa,
 E o vento, que nas cordas assobia...
*

*Por que foges assim, barco ligeiro?
 Por que foges do pávido poeta?
 Oh! quem me dera acompanhar-te a esteira
 Que semelha no mar — doudo cometa!*

*Albatroz! Albatroz! águia do oceano,
 Tu que dormes das nuvens entre as gazas,
 Sacode as penas, Leviathan do espaço,
 Albatroz! Albatroz! dá-me estas asas.*

IV

*Era um sonho dantesco... o tombadilho
 Que das luzernas avermelha o brilho.
 Em sangue a se banhar.
 Tinir de ferros... estalar de açoite...
 Legiões de homens negros como a noite,
 Horrendos a dançar...*

*Negras mulheres, suspendendo às tetas
 Magras crianças, cujas bocas pretas
 Rega o sangue das mães:
 Outras moças, mas nuas e espantadas,
 No turbilhão de espectros arrastadas,
 Em ânsia e mágoa vãs!*

*E ri-se a orquestra irônica, estridente...
 E da ronda fantástica a serpente
 Faz doudas espirais ...*

*Se o velho arqueja, se no chão resvala,
 Ouvem-se gritos... o chicote estala.
 E voam mais e mais...*

*Presas nos elos de uma só cadeia,
 A multidão faminta cambaleia,
 E chora e dança ali!
 Um de raiva delira, outro enlouquece,
 Outro, que martírios embrutece,
 Cantando, geme e ri!*

*No entanto o capitão manda a manobra,
 E após fitando o céu que se desdobra,
 Tão puro sobre o mar,
 Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
 "Vibraí rijo o chicote, marinheiros!
 Fazei-os mais dançar!..."*

*E ri-se a orquestra irônica, estridente. . .
 E da ronda fantástica a serpente
 Faz doudas espirais...*

*Qual um sonho dantesco as sombras voam!...
 Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
 E ri-se Satanás!...*

Castro Alves

4- O Romance Indianista

O indianismo foi uma das principais tendências do Romantismo brasileiro. Dele saíram, tanto na poesia quanto na prosa, algumas das melhores realizações da nossa literatura. A vida e os costumes dos índios sempre despertaram curiosidade. Assim como o romantismo europeu valorizava o passado medieval, o romantismo brasileiro passou a resgatar seus valores e assim, o índio foi visto como o passado histórico nacional. O índio foi encontrado como o verdadeiro representante da raça brasileira. Essa simpatia também foi consequência do trabalho de conscientização feito pelos jesuítas.

As principais realizações indianistas em prosa de nossa literatura são três romances de José de Alencar: O Guarani (1857), Iracema (1865) e Ubirajara (1874).

4.1 O Romance Regionalista

Diferentemente dos outros tipos de romances românticos, o romance regional não tinha modelos no Romantismo europeu e, por isso, foi obrigado a construir seus próprios modelos. Como consequência, a literatura alcança maior autonomia

e o Brasil passa a se conhecer melhor em suas enormes diversidades regionais.

Ocorre um deslocamento de interesses, do nacional para o regional. O romancista vai fazer uma obra mais representativa de certas regiões, pois estas pareciam mais diferenciadas e de características mais fortes. Dentro de cada região, seria focalizado o aspecto interior, a vida agrícola e pastoril com suas peculiaridades, seus hábitos, costumes e tradições, abandonando o aspecto urbano das capitais.

O Gaúcho de José de Alencar, O Cabeleira de Franklin Távola, O seminarista e A escrava Isaura de Bernardo Soares, são algumas obras que se enquadram nesse romance.

4.2 O Romance Urbano

Tanto na Europa quanto no Brasil, o romance urbano, pelo fato de tratar da vida cotidiana da Burguesia, conquistou um enorme prestígio entre o público dessa classe. Tem o objetivo de captar o conflito do espírito nacional em face de influências estrangeiras, cujo teatro era naturalmente a corte, a capital, aquele meio urbano no qual a mentalidade nacional em formação ia recebendo aos poucos assimilando os exemplos que lhe chegavam de fora.

A literatura brasileira contou com consideráveis romances urbanos, entre os quais se destacam: Memórias de um Sargento de Milícias de Manuel Antônio de Almeida, Lucíola, Cinco Minutos, A viuvinha, Diva e Senhora de José de Alencar.